

DAI RAZÕES DA VOSSA ESPERANÇA

Carta sobre a espiritualidade



CONSELHO GERAL MCCJ

Roma – 1 de Janeiro de 2011

DAI RAZÕES DA VOSSA ESPERANÇA

“E quem vos poderá fazer mal, se fordes zelosos em praticar o bem? Mas, se tiverdes de padecer por causa da justiça, felizes de vós! Não temais as suas ameaças, nem vos deixeis perturbar; mas, no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça”.

(1 Pedro 3, 13-15)

Há um ano o Capítulo Geral tinha-nos pedido para propor em cada ano um tema para a nossa reflexão pessoal, provincial e de todo o Instituto que nos ajude a aprofundar os valores da nossa identidade, da espiritualidade que nos sustenta e da missionariedade que somos chamados a viver em cada dia como combonianos.

Durante este primeiro ano, depois do Capítulo, considerámos conveniente dar tempo para conhecer e aprofundar os conteúdos dos documentos capitulares com o desejo de os fazer entrar nas nossas programações a todos os níveis do Instituto. Muitas e interessantes experiências foram feitas nestes primeiros meses e outras estão ainda em curso.

Chegados agora ao início do segundo ano do nosso serviço, como Conselho Geral, decidimos propor-vos para os próximos meses o tema da espiritualidade em geral, considerando que pode tornar-se uma reflexão apaixonante para o nosso crescimento em tudo aquilo que concerne a qualidade de vida e o nosso ser pessoas consagradas a Deus para o seguir e o servir na missão.

Com esta reflexão que colocamos hoje nas vossas mãos, e à qual outras se seguirão durante o ano, queremos apresentar-vos um texto que possa tornar-se caminho de procura e de confronto pessoal e comunitário sobre a experiência de Deus que somos chamados a viver enquanto consagrados e missionários.

Não pretendemos fazer uma dissertação sobre a espiritualidade, nem tão-pouco um estudo do estado da vida espiritual vivida no Instituto. Queremos, pelo contrário, provocar uma reflexão que nos leve a descobrir a importância da espiritualidade como garantia de autêntica vida missionária, recordando o que dizia o nosso Fundador.

“A vida de um homem que de modo absoluto e definitivo chega a romper todas as relações com o mundo e com as coisas mais queridas segundo a natureza, deve ser uma vida de espírito e de fé. O missionário que não tivesse um forte sentimento de Deus e um vivo interesse pela sua glória e pelo bem das almas, careceria de aptidão para as suas funções e terminaria numa espécie de vazio e de intolerável isolamento”. (Escritos 2698)

Ponto de partida

“O processo de discernimento da Ratio Missionis, em que nos empenhámos nestes últimos anos, fez-nos constatar que a nossa espiritualidade é frágil e que gradualmente fomos assumindo um modo de vida individualista e burguês, que não favorece a vida fraterna e tira credibilidade ao nosso testemunho missionário. A nossa fé permanece muitas vezes desfasada da vida e da realidade das gentes. Por vezes, reduzimos a espiritualidade a um ritualismo religioso que não atinge o coração da nossa vida

missionária. Por outro lado, sem uma prática concreta e constante, a fé acaba por desaparecer". (Documentos Capitulares 2009, n. 17)

Seguramente esta é uma das afirmações mais fortes na análise feita pelo Capítulo sobre a nossa experiência de vida espiritual. Fala-se de debilidade, de estilos de vida contraditórios, de pobreza na qualidade de vida fraterna, de testemunho que não nos torna credíveis e, talvez o mais preocupante, é o facto de a espiritualidade vivida não parecer incidir na nossa vida pessoal.

É verdade também que de diversas partes se levantam vozes que pedem uma mudança que nos permita ir mais em profundidade nesta realidade essencial da nossa vida como pessoas e mais ainda como missionários.

As vozes são diversas, para alguns trata-se de um desejo de voltar a um passado que no entanto é impossível ressuscitar e que resultaria inapropriado para o nosso tempo. São as vozes que dizem que a verdadeira espiritualidade era aquela que se vivia através de uma série de práticas de piedade recordadas hoje com saudade.

Outros invocam a necessidade de uma espiritualidade, dita missionária, que seria como a linfa que nos mantém vivos no meio de um mundo onde não se pode ouvir falar muito de Deus nem dos valores do Evangelho.

Por vezes alguns dão a impressão que atrás da palavra "espiritualidade" se pretende esconder o desejo de criar uma relação intimista com o Senhor, onde o que se torna importante é o multiplicar as "nossas orações" e o viver a "nossa relação" com o Senhor, ignorando os outros e os acontecimentos da nossa história.

Para outros a espiritualidade situa-se no extremo oposto, isto é, a espiritualidade é algo que é vivido na relação com

os outros, no empenho social, na defesa dos direitos humanos, no ser solidário com todos aqueles que trabalham para preservar a criação. A oração, o silêncio, o confrontar-se com a Palavra de Deus, a celebração dos sacramentos... são coisas do passado.

É possível chegar a uma síntese destas questões levantadas?

Uma coisa é certa, não podemos seguir em frente se não nos concedermos a possibilidade de reflectir sobre a nossa experiência pessoal e comunitária de vida espiritual e se não nos concedermos espaços concretos para viver uma verdadeira prática espiritual que implica o encontro diário com o Senhor, com a sua Palavra, com o seu mistério que envolve toda a nossa vida.

Queremos crescer

“Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: ‘Que pretendeis?’ Eles disseram-lhe: ‘Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?’ Ele respondeu-lhes: ‘Vinde e vereis’...”. (João 1, 38-39)

Não importa qual seja a motivação que está na origem. Aquilo que podemos dizer é que, neste momento da história como Instituto, queremos viver o nosso ser missionários radicados numa experiência de Deus que se torne a razão da nossa consagração. Apercebemo-nos que a missão, se não é vivida a partir de uma relação intensa com a pessoa do Senhor, resulta impossível também nos nossos dias. Não é por acaso que Comboni dizia falando do “espírito de sacrifício” que viver com os olhos postos em Jesus faz parte da espiritualidade do missionário:

“Espírito de sacrifício. O pensamento, sempre dirigido ao grande fim da sua vocação apostólica, deve suscitar nos alunos do instituto o espírito de sacrifício.

Fomentarão em si esta disposição essencialíssima, tendo sempre os olhos postos em Jesus Cristo, amando-o ternamente e procurando entender cada vez melhor o que significa um Deus morto na cruz pela salvação das almas.

Se com viva fé contemplam e saboreiam um mistério de tanto amor, serão felizes por se oferecerem e perderem tudo e morrer com Ele e por Ele. Ao separarem-se da sua família e do mundo, deram apenas o primeiro passo: procurarão ir cada vez mais longe, até consumarem o seu holocausto, renunciando a todo o afecto terreno, habituando-se a prescindir das suas comodidades, dos seus pequenos interesses, da sua opinião e de tudo o que lhes diz respeito, pois até um ténue fio que permanecer pode impedir uma alma generosa de se elevar até Deus. Por isso, será contínua a prática da negação de si mesmos, mesmo nas pequenas coisas, e renovarão com frequência a oferta de si mesmos a Deus, incluída a saúde e até a vida. Para levar o espírito a estas santas disposições, em certas circunstâncias de maior fervor farão todos juntos uma formal e explícita entrega de si mesmos a Deus, oferecendo-se cada um, com humildade e confiança na sua graça, até ao martírio”. (Escritos 2720-22)

É preciso porém acrescentar que o Capítulo não só registou o mal-estar, como pôs em evidência o desejo e a vontade de encontrar caminhos que nos conduzam em direcção a uma experiência espiritual que se torne a nossa verdade, o poço ao qual ir buscar a água necessária para saciar a nossa sede de plenitude e de autêntica

espiritualidade que não é outra coisa senão o desejo de uma verdadeira conversão.

“Este mesmo processo evidenciou o forte desejo de mudança e de conversão, não na teoria, mas no profundo do coração. Sentimo-nos como ‘terra árida, sequiosa e sem água’ (Salmo 63,2), com uma grande sede que nos impele a voltar às fontes originais para enfrentar os desafios do nosso tempo”. (Documentos Capitulares 2009, n. 18)

Questões dirigidas a cada um de nós

Mas é verdade que vivemos uma espiritualidade débil? É verdade que as tradições de vida espiritual se perderam no Instituto? Temos a impressão de que a vida de oração, a referência à Palavra de Deus, a meditação pessoal, a capacidade de ler o que acontece na vida com os olhos da fé tenham desaparecido dos nossos parâmetros para compreender a nossa vida?

Estamos de acordo em afirmar que não há mais aquela relação pessoal, constante e profunda com a pessoa do Senhor que torna possível a nossa experiência missionária?

Estamos satisfeitos com a qualidade de vida espiritual que se respira nas nossas comunidades, ali onde nos encontramos neste momento? Estamos de acordo que por vezes confundimos espiritualidade com práticas de piedade vividas de modo rotineiro?

Alguém poderia responder de imediato dizendo que a situação não é assim tão grave, que a saúde espiritual do Instituto está bastante bem, que não faltam as figuras entre nós combonianos de homens de oração e de grande fé; e em parte é verdade. Qual poderia ser o interesse desta reflexão?

Passando pelas províncias e comunidades encontramos não poucos confrades que vivem uma relação profunda com o Senhor, não faltam os verdadeiros homens de Deus que cheios de caridade e de amor estão a desenvolver um serviço missionário interessante e exemplar, patenteado pela simplicidade da sua vida, pela fidelidade à vocação e pela capacidade de viver em situações difíceis com grande serenidade e alegria.

É verdade que a paixão missionária vivida até ao fim da vida é um dos tesouros da nossa família missionária e não nos faltam testemunhas. Não é este o fruto de uma experiência espiritual que não precisa de muitas explicações nem de muitas palavras?

A espiritualidade que reconstruímos em tantos lugares do nosso Instituto não é uma espiritualidade que faz grande alarde. A verdadeira espiritualidade divisa-se na serenidade e na capacidade de viver o empenho missionário com a humildade e a disponibilidade de tantos confrades que estão a oferecer a sua vida por amor, sem fazer barulho, sem fazer notícia e conscientes de que passarão pela história sem deixar grandes monumentos que os recordem.

A nossa imagem e os nossos frutos

“Pelos seus frutos, os conhecereis. Porventura podem colher-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?... Pelos seus frutos, pois, os conhecereis”. (Mateus 7, 16ss)

Dizem que as árvores se conhecem pelos frutos e certamente podemos dizer que entre os muitos frutos que não faltam no Instituto se encontram a oração e o sentido de Deus que recebemos em herança do nosso Fundador.

Se há alguma coisa de que muitos de nós estão gratos à missão, seguramente será o ter-nos ajudado a tornar-nos homens de oração. Em muitíssimas das nossas missões não é difícil encontrar, muito cedo, antes do sol nascer, os missionários que rezam, que começam a sua jornada confiando-a ao Senhor reconhecido como o senhor da missão que guia, sustenta e encoraja, mas sobretudo que faz sentir a beleza de poder partilhar com ele o trabalho de construir o Reino.

E além disso, não é verdade que a presença do Espírito faz boas todas as coisas? E asseguramos-vos que bondade não falta na nossa família. Há uma bondade que se exprime através do desejo de empenho pela justiça, bondade que se torna voz de tantos irmãos e irmãs que não têm voz, bondade que se traduz em paixão pelo ser humano, pelo seu desenvolvimento, pelo seu reconhecimento, pelo seu direito a viver na dignidade que lhe pertence enquanto filho de Deus. Bondade missionária que se torna capacidade de fazer causa comum, de partilhar sofrimentos, mas também a alegria e a vida das pessoas com quem partilhamos a vida.

Se a paixão que impele a dar a vida como exigência do amor pelos mais pobres é um elemento fundamental quando se fala de espiritualidade, então basta abrir os olhos para descobrir na vida vivida de tantos combonianos um verdadeiro ícone que nos fala de santidade, e talvez seja isso que explica que, não obstante tantas dificuldades, tantos obstáculos e a própria pobreza que reconhecemos em cada um de nós, a missão vai em frente. Vai em frente porque há a força do Espírito Santo que nos surpreende e faz milagres através de instrumentos frágeis e das muitas contradições que trazemos connosco.

A exigência de uma espiritualidade mais forte não poderia ser então o apelo nunca satisfeito dos nossos corações a entrar mais a fundo no mistério de Deus que nos chamou a tornar-nos discípulos e testemunhas seus? Não seria a tomada de consciência do grande dom que recebemos na vocação missionária e que nos faz sentir sempre inaptos a responder a tal empresa contando apenas com as nossas forças humanas? Por outro lado, não seria o resultado da consciência de que não podemos aproximar-nos dos nossos irmãos, enquanto missionários, apenas com interesses ou preocupações que se detêm ao nível de promoção humana, mas antes sentimos a obrigação de os conduzir a Deus? E como conduziremos os outros a Deus se as nossas raízes nele não são assim tão profundas a ponto de nos permitir reconhecê-lo como o verdadeiro centro da nossa vida e missão?

Então, de onde nasce a exigência?

Seguramente não é de hoje que sentimos um convite a visitar a nossa espiritualidade, a recuperar os valores e as tradições que acompanharam a vida interior e o ministério de tantos nossos confrades. É como se existisse uma consciência no Instituto que emerge para nos recordar que não podemos ser combonianos se esquecermos aquilo que para o nosso Fundador, e para todos os que vieram depois dele, foi fundamental como passagem obrigatória para viver a missão enquanto caminho que o Senhor escolheu para nos permitir o encontro com Ele.

Parece que aquilo que chamamos fundamental o podemos encontrar em alguns aspectos da nossa espiritualidade comboniana, como a experiência do coração

de Jesus, fonte do nosso ser missionários; a presença contínua da cruz, como lugar onde nasce a missão enquanto obra de Deus; o ícone do Bom Pastor, que nos recorda que somos discípulos chamados a viver na sequência daquele que é o único missionário do Pai.

E depois existem as atitudes da espiritualidade que deveriam traduzir em concreto o espírito que trazemos dentro: a vida de fé profunda, a oração constante, a capacidade de ler a realidade com os olhos de Deus, a disponibilidade em dar respostas às urgências do nosso tempo segundo o pensamento de Deus, a vida fraterna entre nós e a solidariedade com os homens e as mulheres que sofrem, a sabedoria para fazer com que a Palavra de Deus se torne o ponto de referência de todo o nosso ser e do nosso agir como homens consagrados e pertencentes a Deus.

Então, parece que o apelo a fazer as contas com a nossa espiritualidade venha precisamente do facto de haver uma fractura entre aquilo que afirmamos e aquilo que habitualmente vivemos. Nenhum de entre nós diz que não exista uma espiritualidade missionária comboniana, nenhum afirma que a Regra de Vida não seja clara, nenhum nega que existam as estruturas e os meios para viver uma autêntica experiência espiritual.

A distância entre o dizer e o fazer

“Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la”.
(Mateus, 16, 25)

Constatamos a facilidade com que abandonamos a oração pessoal e comunitária. A Regra de Vida fala de pelo menos

uma hora por dia, mas não faltam entre nós os que interpretam isto como algo deixado à liberdade de cada um. Diz-se que a nossa vida deve ser uma vida de fé e depois deparamo-nos com pessoas que nas coisas ordinárias da vida se agarram a outros critérios, tais como as convicções pessoais, as suas ideias ou simplesmente aquilo que possa corroborar os projectos pessoais. Dizemos que a nossa vida deve ser fraterna e fundada sobre os critérios do amor e quanta dificuldade se há em viver a simples vida comunitária onde bastam alguns gestos de boa educação para a tornar atractiva. E depois, não é verdade que o individualismo, o protagonismo, a arrogância que se insinuam no nosso estilo de vida são o resultado da falta de um verdadeiro espírito que deixa viver sem oprimir, como acontece pelo contrário na experiência da falta de confiança ou no preconceito em relação aos outros?

De onde nasce a exigência? Certamente do valor de não poucos que não se contentam em viver no Instituto transformando-o num albergue onde se beneficia de um tecto e de comida seguros e que estão convictos de que não deixaram tudo para se encontrar a viver com outros apenas para ter companhia, mas que fizeram a oferta da sua vida para se encontrar com irmãos apaixonados por Deus, pela missão e pelos mais pobres.

A exigência nasce também da necessidade de pôr Deus ao centro de tudo e acima de tudo. E isto quer dizer capacidade de abandono e disponibilidade para deixar Deus escrever a sua história em cada um de nós. Quer dizer, parece, aceitação de uma realidade que nos surpreende e rompe os nossos equilíbrios, os nossos planos, as nossas seguranças e as nossas certezas. E também capacidade de

viver em contínua procura, não da realização dos nossos sonhos, mas dos sonhos dEle.

O grito que ouvimos desde há algum tempo não é senão a voz exigente que pede um espaço para deixar que Deus faça a sua obra tranquilamente entre nós. É voz que fala de obediência que não seja cega submissão; que apela à ordem onde parece que cada um se sinta no direito de delinear o seu projecto e a sua missão; que desafia a uma humildade que permita a aceitação dos limites pessoais e comunitários.

Sem dúvida é um apelo que recorda a beleza do amor que somos chamados a viver em castidade serena e alegre e não suporta comportamentos irresponsáveis e contraditórios com a opção do amor como doação, sem limites de nós mesmos.

É também um convite a viver em pobreza a todos os níveis, renunciando à ambição que envenena o coração e nos torna egoístas e mentirosos, apegados ao dinheiro e insatisfeitos com tudo e nunca contentes com o que recebemos como dom. Pobreza que é igualmente provocação que nos desafia a viver na sobriedade, na austeridade e na liberdade.

A exigência de uma vida espiritual mais profunda nasce precisamente da consciência de que só seremos capazes de conversão e de transformação se formos habitados pelo verdadeiro Espírito do Senhor. A experiência de encontro com o Senhor é a única possibilidade de encontrar o caminho adequado para viver a missão como o lugar onde somos chamados a tornar-nos homens novos e missionários credíveis. E na medida em que nos tornarmos fortes no Espírito, então seremos capazes também de pôr em discussão tudo aquilo a que estamos ancorados e que nos

impede de ir longe e de ser seduzidos por quantos se abeiram de nós.

Que espiritualidade sonhamos?

Nesta hora de Deus, que é também a nossa, parece que a espiritualidade que nos convém, dando por adquiridos os elementos que consideramos irrenunciáveis da nossa espiritualidade, seja uma espiritualidade do abandono entendido como entrega livre de nós mesmos a Deus para a missão. Precisamos de uma espiritualidade centrada na esperança que nos permita ler o presente sem esquecer que o Senhor está sempre em acção e que a missão é antes de mais obra sua e nós simples colaboradores.

A nossa espiritualidade deve ser uma espiritualidade que nasce ao longo do caminho que percorremos juntamente com tantas pessoas que o Senhor nos deu como companheiras de viagem, pessoas portadoras da esperança de Deus que nos desafiam a reconhecê-Lo no rosto daqueles que não contam para o mundo. Não pode ser uma espiritualidade que nos encerre dentro da segurança das nossas estruturas, das nossas devoções ou hábitos.

Enquanto espiritualidade missionária, obriga-nos a ir ao encontro de Deus que nos espera no irmão, nos envia a ir para além de nós mesmos, mas sempre atentos a não esvaziar-nos e a não diluir-nos no anonimato de um mundo que procura por todos os modos fazer desaparecer as testemunhas de Deus.

Sonhamos com uma espiritualidade que nos permita pôr ao centro de todos os nossos desejos a pessoa de Cristo, o Bom Pastor que soube obedecer em tudo e foi capaz de realizar a vontade do Pai sem nunca impor condições.

Enquanto Instituto, precisamos de uma espiritualidade fundada na cordialidade, na aceitação da diversidade, no reconhecimento da riqueza que o outro representa dentro e fora da nossa família. Precisamos de uma espiritualidade que nos torne profetas, mas talvez mais, místicos e testemunhas dAquele que trazemos no coração, dAquele com o qual partilhamos a nossa existência e do qual recebemos a vida, a força de levar por diante a nossa missão e a alegria que nos torna felizes.

Todos estamos de acordo em dizer que a nossa espiritualidade deve ser uma espiritualidade missionária, mas talvez neste momento fosse melhor falar de uma espiritualidade da responsabilidade, da fidelidade, da coerência.

De responsabilidade que não torne mentirosa a nossa Regra de Vida, a qual continua a falar dos combonianos como de homens consagrados inteiramente a Deus, homens de oração, homens de fé profunda, homens de comunhão...

De fidelidade para responder também hoje àquilo que dissemos solenemente no dia da nossa profissão religiosa.

De coerência, ainda que com os nossos limites, mas empenhados em viver no quotidiano da nossa vida os valores e as exigências da nossa consagração a Deus e à missão, aceitando viver com uma única paixão no coração.

Desejamos uma espiritualidade que nos ajude a viver sempre com grande paixão o desejo de ir ao encontro dos pobres e abandonados, mas que ao mesmo tempo nos permita deixar-nos evangelizar pela Palavra que anunciamos com as nossas pobres palavras e com o nosso humilde testemunho.

Certamente neste tempo não precisamos de inventar uma espiritualidade nova, mas de viver responsavelmente o tesouro que já faz parte do nosso património.

Roma, 1 de Janeiro de 2011

P. Enrique Sánchez G.

P. Alberto Pelucchi

P. Antonio Villarino R.

P. Tesfaye Tadesse G.

Ir. Daniele G. Giusti